



Mitos da música brasileira: Roberto Carlos, Tim Maia e Renato Russo¹

Carolina Maria Moreira ALVES²

Victor Israel GENTILI³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Estudo que tem como objetivo entender o fenômeno do sucesso das biografias escritas por jornalistas no Brasil. É parte fundamental, saber quais elementos unem os campos do Jornalismo e da História e como uma narrativa feita através desta união é construída. Como lidar com a narração de uma história com fatos já enunciados? Neste ponto, entram os recursos lingüísticos que tornarão a biografia sucesso ou não, documento histórico ou não. Em busca de definições, classificações e métodos de criação de personagem, este estudo recorre às seguintes biografias “O som e a fúria de Tim Maia”, por Nelson Motta, “Renato Russo: o filho da revolução” por Carlos Marcelo e “Roberto Carlos em detalhes”, por Paulo Cesar de Araújo, porém, não para analisar suas estórias, e sim o trabalho de quem as escreveu.

Palavras-chave: Biografias; jornalismo; história; literatura.

Introdução

Biografar é mergulhar em uma vida com o objetivo de conhecer a sua história. Entender os critérios para a escolha deste alguém, como este mergulho é feito e, mais adiante, narrado em uma obra, são alguns dos pontos fundamentais deste trabalho. Durante muito tempo, este ramo literário fora dominado por escritores denominados como biógrafos. São alguns deles: Luiz Viana Filho, Raimundo Magalhães, Stefen Zweig, André Maurois. Atualmente, entretanto, os jornalistas assumiram o cargo de liderança na lista de livros publicados nesta área. O objetivo principal desta pesquisa é entender o

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: cakismoreira@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFES, email: vgentilli@uol.com.br



que une esses dois campos: o Jornalismo e a história. E relatar quais são os pontos que ligam e os que distanciam estes campos que lidam com fatos já enunciados.

Fazer a reconstituição de uma vida requer imenso esforço, e transmitir o que foi apurado em uma leitura agradável e interessante, torna este ofício mais trabalhoso ainda. Este estudo se debruça em três biografias. Inicialmente utilizadas como exemplos para a análise do tema em geral, posteriormente avaliadas em singularidade. São elas: “*O som e a fúria de Tim Maia*”, “*Renato Russo: o filho da revolução*” e “*Roberto Carlos em detalhes*”. Escritas por Nelson Motta, Carlos Marcelo e Paulo Cesar de Araújo, respectivamente. Todos, jornalistas formados.

Um tema até então pouco abordado pela academia, e que merece visibilidade, posto que, nas últimas décadas, este tipo de livro tem alcançado um padrão respeitável de aceitação do público, em tempos de pouca leitura e em um país de pouquíssima leitura.

Definindo o fazer biográfico

“De que modo os biógrafos operam? Que recursos jornalísticos, historiográficos, sociológicos, psicológicos aplicam? Quais valores estéticos, contratuais, mercadológicos estão envolvidos nesta ‘arte limitada pelos fatos’? Trata-se de uma tecedura delicada.” (VILLAS BOAS, 2002, p.11)

Inicialmente, para o processo biográfico ocorrer é primordial haver o interesse de alguém pela vida de outrem, que o fascina, seja positivamente ou negativamente. O segundo passo é o mergulho que deve ser feito na vida do biografado, para que o resultado alcançado seja satisfatório.

Geralmente, são anos de trabalho em que os biógrafos coletam em um ofício braçal as informações para futuramente usá-las para escrever a história. Tais informações podem ser alcançadas através de entrevistas, depoimentos, diários, documentos pessoais, documentos oficiais, jornais e revistas da época, livros sobre o conceito histórico da época em que o biografado viveu/vive.

O domínio dos jornalistas neste ramo acarreta na comparação de ambos os ofícios. Para Felipe Pena, jornalista, professor e doutor em literatura, “A biografia jornalística é um gênero literário muito explorado pelos profissionais da imprensa, que reconstruem a vida de personagens com as mesmas técnicas narrativas do jornalismo cotidiano” (PENA, 2005, p. 217).



Mas, não é tão simples. As técnicas narrativas do jornalismo cotidiano, corrido, e factual nem sempre se encaixam neste segmento literário. Um biógrafo não pode utilizar somente destas ferramentas estritamente jornalísticas para concretizar o seu trabalho.

Os leitores buscam vida, esperam que o personagem central, mais do que bem narrado, tenha alma. O sucesso que as biografias alcançaram no mercado editorial está seguramente relacionado à opção da maioria dos autores reconstruírem o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, instalando-os em ordem cronológica, ou não.

“A produção de livros biográficos (biografias, memórias, autobiografias, e cartas) no Brasil é crescente. Entre 1995 e 1997, o número de exemplares à venda no Brasil praticamente dobrou (99%), enquanto a variação total de títulos lançados caiu 11% de 1995 (213 títulos) para 1997 (190). O pico foi em 1996: 285 títulos. Desconhece-se quantas obras são de autores brasileiros sobre personalidades brasileiras” (VILLAS BOAS, 2002, p.23)

A notória facilidade que os jornalistas têm para com este segmento literário surge de uma perspectiva clara: narrar um fato de maneira cronológica, obter informações difíceis, encontrar e manter fontes, fazer entrevistas e escrever de forma clara e precisa para que qualquer leitor possa entender, são técnicas básicas que todo jornalista executa. E tais ofícios são iniciais também na feitura de uma obra biográfica. Logo, alguns jornalistas encantaram-se por esta arte de recriar vidas e souberam fazê-la com graciosidade.

Biografias como documento histórico

Carlos Marcelo, autor de *“Renato Russo: o filho da revolução”* e Paulo Cesar de Araújo, autor de *“Roberto Carlos em detalhes”*, mostram que uma biografia pode ser considerada documento histórico. Ruy Castro, Fernando Morais e Lira Neto, comprovam que, além de documento histórico, é literatura da melhor qualidade.

Para Pierre Bourdieu, “Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2002, pg. 183)

Para contar uma vida, é preciso relacioná-la com outras vidas. E com acontecimentos alheios a ela, mas que a influenciam direta e indiretamente. Não seria possível criar um



personagem, mostrando sua psique, seu temperamento, suas angústias, suas vontades e alegrias, partindo somente de sua vida.

Para entender um ser humano, é preciso conhecer o ambiente que o cerca. Os acontecimentos históricos que permeiam a sua vida. O clima da cidade onde vive, o modo de vida que levou (ou leva). Sendo assim, como documento historiográfico, uma biografia pode ser tão, ou mais completa do que um livro de história. Pois além de mostrar fatos, ela mostra resultados. As pessoas são resultados do tempo em que vivem. É claro que não é regra. Algumas biografias vão fugir deste posto de documentos históricos, como por exemplo, a história do cantor Tim Maia narrada por Nelson Motta. Mas geralmente, os biógrafos clássicos optam em escrever verdadeiros documentos.

Biografia é literatura?

Há uma questão bastante discutida quanto a classificação das biografias escritas por jornalistas pertencerem ao *New Journalism*, já que, os recursos literários como a riqueza de detalhes, o uso de figuras de linguagem, *flashbacks*, adjetivação, discurso indireto que estão presentes nas biografias são advindos da literatura.

Sendo assim, o uso de recursos literários é justificado pelo fato de que o jornalista biógrafo não dispõe de todas as ferramentas necessárias para criar um personagem na sua magnitude somente com as técnicas jornalísticas.

No entanto, algo que distancia o biografismo da literatura convencional é que ele está atado aos fatos. Não é possível deixar a imaginação dominar, o que impera são os acontecimentos concretos, que não possuem a maleabilidade. “O processo biográfico impõe certas condições. A mais impactante delas é que cada palavra estaria baseada (ou seria inspirada) em fatos” (VILAS BOAS, 2002, p. 112).

É importante ressaltar que estar preso aos fatos não indica que só haja uma maneira de se contar a história.

Como se cria uma persona escrita

Reconstruir uma vida, ou parte dela, por meio de palavras não é tarefa fácil. “Trata-se de um trabalho duro, pessoal, subjetivo, literário, híbrido.” (VILLAS BOAS, 2002, p.28). A homogeneidade é um aspecto fundamental numa obra deste ramo. Seguir uma linha temporal, localizar bem os fatos e lidar com eles em seqüência, influencia no resultado. Tal aspecto é



importante também para que, paradoxalmente, o biógrafo crie mecanismos de fuga desta homogeneidade em alguns momentos da obra.

Foi constatado durante esta pesquisa que a maioria das biografias inicia-se de maneira deslocada do tempo, narrando uma história semelhante a uma crônica. Trata-se de um convite. Mostra-se um pedaço do personagem, para que, sedento por mais informação, o leitor se entregue àquela história.

Um auxílio no qual o biógrafo apóia-se são as figuras de linguagem. É notório o uso deste recurso gramatical para alcançar o sentido esperado. Além de denotar domínio da língua, mostra estilo de escrita do autor. O uso frequente de paradoxos, metáforas, ironias, comparações, prosopopéia e eufemismo dão vida ao texto.

Há um aspecto importante para a feitura de uma narrativa biográfica: o fio-condutor ou foco narrativo. É comum, o biógrafo traçar o personagem central a partir de um fio que o conduz até o fim. Este fio pode ser um traço da personalidade da pessoa, por exemplo: a fé, a determinação, a tristeza, a solidão. Como pode ser também a carreira, o envolvimento com drogas, os excessos. Um exemplo bastante interessante de fio-condutor é encontrado na biografia do cantor Renato Russo por Carlos Marcelo. O fio que traça a história é o crescimento do cantor juntamente com o crescimento da cidade de Brasília, já que ambos nasceram no mesmo ano, com poucos dias de diferença. Então, não há como negar o valor histórico desta obra para alguém que queria conhecer a história de Brasília, por exemplo.

Em relação à cronologia, é importante relatar que não há uma fórmula pronta de sucesso. Existem diferentes formas de se fazer, algumas mais usadas e outras menos usadas. O usual é conduzir a história de forma linear, através de capítulos articulados e que, nem sempre, fazem sentido se lidos separadamente. Há outra maneira, entretanto, de lidar com este fator temporal, que seria se utilizar da atemporalidade, como por exemplo, em *“Roberto Carlos em detalhes”* por Paulo Cesar de Araújo, em que o autor apresenta a obra de maneira não cronológica. Os capítulos são confeccionados a partir de assuntos específicos: Roberto Carlos e o sexo, Roberto Carlos e a política, Roberto Carlos e a fé etc. Ainda há um conceito chamado Biografia Sem Fim proposto por Felipe Pena no livro: *“A biografia Sem fim”*, 2004. Tal conceito constitui-se da seguinte maneira:

“A idéia é organizar uma biografia em capítulos nominais (fractais) que reflitam as múltiplas identidades do personagem (por exemplo: o judeu, o gráfico, o pai, o patrão etc). No interior de cada capítulo, o biógrafo relaciona pequenas histórias/fractais fora da ordem



diacrônica. Sem começo, meio e fim, o leitor pode começar o texto de qualquer página.” (PENA, 2005, p. 218)

Em algumas obras, o discurso direto é freqüente, em outras nem tanto. O que se coloca em cheque é: pode haver fidedignidade no que está descrito em um diálogo com o que aconteceu na realidade? Estes diálogos são geralmente, fruto de entrevistas e muita pesquisa. É preciso também confiar no autor. Confiar no seu trabalho braçal de pesquisar cada meticulosidade da vida que se propôs ilustrar. O trabalho do biógrafo, assim como o trabalho do jornalista requer confiabilidade do receptor. Tem de existir um acordo tácito entre este e aquele.

O discurso indireto livre, pouco usado no jornalismo, pela sua carga literária, é bastante requisitado em biografias. O narrador é geralmente, observador e narra em terceira pessoa do singular. Ele conhece os personagens, a história e tem uma visão panorâmica dos acontecimentos, apresentando-os a partir de suas próprias palavras.

Ocasionalmente nas biografias, são encontrados verbos no presente. Dando assim certo dinamismo ao acontecimento. Artifício herdado do jornalismo, que traz o passado para o presente. Um exemplo: “Aparece muita gente, inclusive desconhecidos dos anfitriões, mas logo, enturmados (...). Geraldo Ribeiro vê Renato com roupas de festa”. (MARCELO, 2009, p. 136). Mas geralmente a história é contada com verbos no passado: “No dia seguinte, Tim foi ao ‘Programa Mauro Montalvão’, na TV Tupi, falou do livro do Racional e gritou para o público [...]” (MOTTA, 2006, p.140)

A riqueza de detalhes é parte essencial em uma narrativa biográfica de qualidade, pois o personagem só pode constituir-se em sua infinidade, se for mostrado o seu infinito de particularidades. Uma gaveta de meias bagunçada no quarto, por exemplo, pode parecer um pormenor, entretanto, é preciso perceber aquela informação minúscula como um processo de recriação de personalidade. Através desse detalhe pode-se constatar que a pessoa não era organizada, ou que tem uma vida corrida e que não possui tempo para arrumá-la. Cada singularidade unida a outras singularidades colabora para o processo como um todo. Em uma narrativa biográfica, não há como descartar informações. Mesmo que estas sejam consideradas supérfluas, se o autor decidiu incluí-la, cabe analisar o porquê.

O mito da objetividade

É sempre cobrado dos jornalistas que eles exerçam o seu papel de maneira objetiva. Entretanto, é sabido que não há escrita objetiva A partir do momento em que uma pessoa narra um fato, no texto, algum traço dela vai existir naquelas palavras, por mínimo que seja.



E nas biografias não poderia ser diferente. É consenso que é impossível ser objetivo. Mas, só por haver este ideal a ser conquistado, já é o suficiente para que os profissionais tentem o alcançar. E essas tentativas podem ter grande sucesso ou não.

Biógrafos como Fernando Morais, Lira Neto, Ruy Castro e Carlos Marcelo, por exemplo, trabalham com preocupação de alcançar a objetividade. Embora eles mergulhem na vida do biografado, e este mergulho naturalmente consolide um sentimento, seja ele positivo ou negativo, eles não deixam que isto transpareça na obra.

Já autores como Paulo Cesar de Araújo, João Carlos Teixeira Gomes e Claudio Bojunga, optaram por expor suas opiniões nas obras: “*Roberto Carlos em detalhes*”, “*Memórias das Trevas: Antonio Carlos Magalhães*”, “*JK. O Artista Do Impossível*”, respectivamente, por meio de adjetivos e interpretação dos fatos, ao invés de somente narrá-los. Vale ressaltar que tal atitude nem sempre é para exaltar o biografado. O próprio João Carlos Teixeira Gomes escreveu a biografia de Antônio Carlos Magalhães, para mostrar o que de pior ele fez na vida.

Manipular os fatos, falsear algum acontecimento e esquecer-se de outros, são atitudes que caracterizam falta de profissionalismo dos biógrafos. É esperado do biógrafo que ele inclua toda a sua apuração na obra. “Nenhum outro gênero literário tem sido tão atormentado pela obrigação de incluir” (WHITTEMORE, 1988 p. 10).

Quando um biografado é pintado como herói, mito ou estrela deve haver algum receio em relação à objetividade do autor. Ninguém é constituído somente de vitórias e de alegrias. Uma característica inata ao ser humano é justamente o erro, e é entendido que a partir do erro é que o aprendizado pode ser alcançado. Se construírem um personagem perfeito, ele ficará distante do leitor. Ficar sem alma. O leitor quer ser representado, ele quer se reconhecer naquele personagem, e para isto, este, deve ser tão humano quanto aquele.

O compromisso com a verdade, ou com as verdades dos fatos, nunca pode ser deixado de lado. Ruy Castro, por exemplo, ao biografar Garrincha, encontra um fato com várias versões, e ao invés de escolher o que lhe pareça mais apropriado, insere todos para que o leitor o faça. É uma posição justa, dando ao leitor a chance de conhecer todas as possíveis verdades e selecionar a que lhe pareça apropriada.

O som e a fúria de Tim Maia

“Minha filha ganhou um gatinho de presente e contei a Tim que ela ia dar o seu nome ao bicho. Ele adorou: ‘Já sei, porque é preto, gordo e cafajeste!’. O gato era cinzento, magrinho e carinhoso, e só nos deu amor e alegria” (MOTTA, 2006, p. 5)



Nelson Motta na biografia “*O som e a fúria de Tim Maia*”, apresenta o seu biografado Sebastião Rodrigues Maia, conhecido como Tim Maia, com muita paixão, alegria e descontração. Um texto leve, com uma linguagem de fácil entendimento, uso mínimo de palavras rebuscadas, e sem grande riqueza de detalhes, fez emergir este personagem fantástico, mistura de besta-fera com figura humana terna, que oscila entre herói e anti-herói o tempo todo.

É pobre quanto aos detalhes, porque Nelson conversa com o leitor, assume um papel de contador de causos, e não de um aprofundador do caso. Não oferece base historiográfica aprofundada, não fornece detalhes de fontes e nem utiliza nota de rodapé. E este é o diferencial desta obra, que mesmo sem grande valor historiográfico, evidente que não era mesmo esta a intenção do autor, possui uma narrativa agradável.

Um dos motivos para o sucesso do livro é que de fato o biógrafo foi íntimo do biografado. Este fato interferiu de maneira consistente no resultado da obra, já que esta, ganha a credibilidade de quem conheceu a fundo o personagem principal e possui uma visão, além da macroscópica em relação à vida artística, microscópica em relação aos detalhes que compunham aquela personalidade.

A narrativa é homogênea, exceto o primeiro capítulo, como foi anteriormente explicado neste paper. Não há depoimentos de amigos ou familiares. Não há o relato de quantas pessoas foram entrevistadas, podendo surgir a percepção de que a história fora escrita sem auxílio de ninguém, o que é praticamente impossível. Isto empobrece em larga escala a obra, que nesse quesito deixa realmente a desejar. É importante listar de onde vem cada informação para que o leitor tenha plena confiança no que está escrito. Há apenas um índice das fotografias nas páginas finais.

A apresentação de inúmeras expressões que o biografado utilizava e de algumas que foram cunhadas por ele próprio aproxima-o do leitor: “torrar unzinho” e “puxar uma etapa” significavam fazer o uso da droga. Outra usada foi: “puxar cadeia”, que era o mesmo que ser preso. “Garrastazu” significava um esconderijo ou lugar de privacidade. “Baurete” e “Bagana” eram sinônimos para maconha.

Há bastante uso de figuras de linguagem. Para citar algumas, utilizarei os seguintes exemplos: “dormiu como um anjo”, página 27, que consiste numa ironia. “Enchendo o ar do Divino com sua voz de trovão”, página 28, caracteriza-se como sinestesia. “Tim partiu para o Cave com grande apetite: queria mostrar a Imperial que era o prato do dia, a feijoada completa”, página 62, consiste numa metonímia.



Quanto ao tempo verbal utilizado pelo narrador, não houve oscilação, foi sempre empregado o passado: “A confusão começou depois do programa. Tião estava com fome e foi com Arlênio e Wellington comer um salgado no bar” (MOTTA, 2006, p. 31). Os discursos direto e indireto são bastante aproveitados pelo autor e permeiam a obra do começo ao fim. Nelson narra esta história na terceira pessoa do singular e em alguns momentos excepcionais (primeiro capítulo e episódios em que ele estava presente) usa a primeira pessoa do singular.

Há no livro, um recurso bem interessante, em que aparece o próprio Tim Maia produzindo o tom a narrativa no livro: “No dia 28 de setembro de 1942, na rua Afonso Pena 24, minha mãe, Maria Imaculada, concebeu o gordinho mais simpático da Tijuca. E recebi o nome de Sebastião Rodrigues Maia”.

O fio que conduz a história é a força de vontade de Tim Maia por vencer na vida como cantor, aliada ao seu temperamento forte e jeito engraçado. O humor é constante na obra, fazendo jus ao biografado. Em relação ao tempo, a cronologia é muito bem marcada. O personagem principal e os secundários são a todo o momento bem situados no tempo.

É importante ressaltar que embora o autor tenha sido grande amigo do biografado, não houve em momento algum posicionamento que favorecesse o personagem principal. Inclusive, em determinadas circunstâncias, Nelson Motta foi corajoso, ao escrever, por exemplo, que Tim Maia:

“Ofereceu logo um baseado de boas-vindas: tinha acionado suas conexões nova-iorquinas e já estava com três qualidades diferentes de skunk, e ainda tinha haxixe paraguaio, coisa de que eu nunca ouvira falar, mas que ele recomendou muito.” (MOTTA, 2006, p. 10).

Isso demonstra que, mesmo correndo risco de ser visto como usuário de algum produto ilícito, ele não hesitou em colocar a informação na obra.

No livro ainda é informado um link, aonde é possível encontrar toda a biografia complementada no site da objetiva: (<http://www.objetiva.com.br/valetudo>) no qual é possível ouvir as músicas que são citadas no livro. É uma boa oportunidade para se apreciar todos os sucessos do compositor Tim Maia e também raridades perdidas de seu vasto repertório.



Em síntese, a obra é voltada para entreter e não se encaixa nos quesitos necessários para ser considerada como documento histórico. É uma obra despreziosa, que possui leitura agradável, fluidez, personagens bem alocados no tempo e conhecimentos a cerca do passado de um dos grandes cantores nacionais.

Renato Russo: o filho da revolução

“Agora a gente vai tocar uma música, que é muito importante pra gente. Que diz muita coisa sobre as coisas que a gente acredita. É sobre as coisas que estão acontecendo hoje em dia. E que de repente a gente pára e vê que tem certas coisas que não adianta fazer absolutamente nada. Se o barco está afundando, vamos afundar todos juntos. Eu sinto muito” (MARCELO, 2009, p. 361)

O autor Carlos Marcelo apresenta o personagem Renato Russo como fruto de sua cidade e seu tempo. O livro se inicia com um flashback de uma cena muito importante para a vida do biografado, que posteriormente, será revelada por inteiro. Diferentemente da obra de Nelson Motta, este autor não tem como foco integral da obra o personagem principal. Em diversos momentos, a história de Brasília, do Brasil e do mundo, ocupam longas páginas. Logo, o fio condutor desta narrativa, é a política do país em que Renato vive e como ela afeta a sua personalidade e vida.

O livro tem uma linguagem culta, porém acessível. Mesmo com o uso de palavras rebuscadas, o entendimento da obra não é prejudicado. Não há adjetivação, e o autor se empenhou a fazer uma obra imparcial, apenas exibindo os fatos de acordo com sua apuração, sem oferecer opiniões a respeito. Houve algumas omissões, que posteriormente serão abordadas.

Como documento histórico, este, dos três analisados neste paper, é o livro que mais alcança os preceitos adequados para se encaixar nesta categoria. Todas as entrevistas foram citadas, todas as fotos explicadas, jornais e revistas usados como fonte descritos, e a bibliografia usada pelo autor também consta. Além, de 13 notas de rodapé ao longo da história, que auxiliaram o leitor nas informações relevantes não contidas no texto. Este é um aspecto considerado importante para o uso das biografias como documento histórico. Tais notas denotam enriquecimento da obra e fornecem informações que ficaram fora do texto.



A edição da obra é bonita, com exposição de um vasto material do cantor. São cartas, registros de diários, rabiscos, idéias, inúmeras fotos, documentos, panfletos de eventos, recortes de jornais. Tudo isto chama a atenção do leitor e é um acréscimo de informações.

A narrativa não é completamente homogênea. No início, a história brasileira está em primeiro plano e o personagem é moldado por ela. Próximo ao fim, a narrativa é contada a partir da perspectiva de quem o biografado é quem está moldando os acontecimentos, por ter se tornado um líder musical de visibilidade nacional com opiniões fortes a respeito de temas como política, literatura e música.

Carlos Marcelo é um escritor de grande estilo, cria cenas cinematográficas e as intercala com diálogos frutos da sua pesquisa. Utiliza figuras de linguagem, como por exemplo: comparação na página 19: “Brasília parecia uma menina de 13 anos” e antítese na página 19: “o silêncio vence a música”.

Esta obra é quase toda composta no presente. “Sem demonstrar muito entusiasmo, Renato tenta se esquivar, mas confirma” página 96, “Renato atravessa o Eixão e vai parar na 415 Sul”, página 229, “Conversam durante horas”, página 378. Há riqueza de detalhes, com, por exemplo, em: “Eles obedeciam. Renato então, apagava a luz e contava histórias arrepiantes, incrementadas pela manipulação de lençóis brancos amarrados em cabos de vassoura”, página 50.

Os personagens são bem localizados no tempo e no espaço como é possível observar nos exemplos: “No encontro na 103 Sul, Renato se entusiasmou ao saber que [...]”, página 139 e “Em Outubro de 1979, Renato rascunha o próprio futuro”, página 139.

Temas como a homossexualidade e os detalhes da doença fatal, contraída pelo líder do grupo Legião Urbana, a aids, foram pouco abordados. Esta posição privou os leitores de saberem como foi o processo de adoecimento do cantor. Não se sabe se o motivo foi para evitar especulações.

Assim como na obra escrita por Tim Maia já relatada neste paper, esta obra também possui uma página na internet (<http://www.renatorussoolivro.com.br>). Nela é possível encontrar informações sobre o autor e a obra, vídeos da carreira do biografado, além de um quiz para testar os conhecimentos de quem leu o livro, recurso interessante para criar interação com o público.

Em síntese, a leitura é agradável, construtiva e envolvente. Carlos Marcelo apresentou: uma criança astuta; um adolescente doente e acamado, porém, sonhador; um jovem rebelde cheio de sangue revolucionário nas veias e ideologia na cabeça; um adulto



aclamado pela crítica representante de uma banda de sucesso nacional, mas às voltas com a solidão, com amores não correspondidos, com o fantasma do HIV e problemas na relação bipolar com seu público.

E soube fazê-lo, muito bem.

Roberto Carlos em detalhes

“Roberto Carlos se assustou com aquele gesto brusco de alguém que ele não conhecia, recuou, tropeçou e caiu na linha férrea segundos antes de a locomotiva passar. A professora ainda gritou desesperadamente para o maquinista parar o trem, mas não houve tempo.” (ARAÚJO, 2006, p. 28)

A narrativa desenvolvida por Paulo Cesar de Araújo apresenta algumas peculiaridades que a diferencia das outras obras analisadas neste paper, começando pelo próprio autor, que além de jornalista é historiador – único dos biógrafos estudados que detém este título. O autor não utiliza um fio condutor para traçar o personagem e nem escreve uma obra linear. O livro é composto por capítulos, que não fazem conexão entre si. Em cada capítulo é desvendada uma faceta do personagem.

São quinze ao todo, cada uma focada em um assunto, como por exemplo: Roberto Carlos e o rádio, e bossa nova, e o rock, e a televisão etc. Este modo de narrar uma vida é uma das alternativas de fuga da sucessão de acontecimentos baseada no tempo em que aconteceram.

É eficaz, visto que, cada assunto é bastante discutido em sua particularidade, e ao mesmo tempo causa estranheza ao leitor que não está acostumado com uma biografia neste padrão. Os capítulos possuem início, meio e fim, desdobramentos, e algumas vezes, clímax. Portanto, se lidos separadamente, não há distorção de sentido.

Paulo Cesar de Araújo faz uma pesquisa vasta não somente sobre vida de seu biografado, como também da música popular brasileira. Esta obra é um catálogo de acontecimentos que marcaram a criação, a institucionalização e o desenvolvimento da “MPB”. Foram mais de 15 anos de pesquisa. Na bibliografia usada como apoio pelo autor, 41 dos 60 livros citados possuem no título alguma referência musical.



Escreve de maneira agradável, e em alguns momentos, coloquial ao extremo. Une ao seu texto, reprodução de entrevistas entre aspas, trechos de músicas e comentários à respeito dos acontecimentos e interpreta letras de músicas escritas por Roberto.

É extremamente minucioso e narra com riqueza todas às estórias que compõem o livro, valorizando os pormenores. Muitas vezes ocorre dele passar várias páginas para explicar ou contar uma história. O livro tem início, como as outras biografias lidas citadas, de maneira não cronológica.

São usadas muitas expressões da época do acontecimento narrado, ilustrando assim, o que está sendo dito. Alguns exemplos são: “pinguço”, “nos trinques”, “catando milho”, “onda danada”, “Resumo da ópera”, “o pau quebrou”, “Bem a calhar”, “Bem ao gosto do freguês”, “é uma brasa, mora”.

As figuras de linguagem mais utilizadas foram: hipérbole, metáforas, paradoxo, antítese e eufemismo. O autor não usa o discurso direto. Toda a obra é constituída pelos discursos indireto e indireto livre. O que facilita o narrador/autor a interferir nos pensamentos e ações do personagem, e supor situações, como pode ser observado neste exemplo:

“O show ia começar. É possível que, no instante em que caminhou do camarim ao centro do palco do Canecão, Roberto Carlos tenha pensado em toda sua trajetória de cantor: do início no microfone da Rádio Cachoeiro aos picadeiros dos circos vazios dos subúrbios; das noites frias na boate Plaza às tardes de domingo no auditório da Tv Record. Até ali quantos shows? Quantas viagens? Quantas canções? Mas agora ele estava diante de um novo desafio e prestes a dar um novo salto na sua carreira.”, página 242.

O autor toma rumos perigosos ao fazer previsões e suposições. No livro “Biografias e biógrafos“, Villas Boas defende que “Trata-se de uma opção arriscada, difícil de sustentar, dada a subjetividade do tema.”, página 142. Não é ofício de biógrafo supor, mas Paulo Cesar de Araújo se dá a liberdade de não só supor, como também opinar e deixar claro sua posição diante de fatos. Em muitos momentos é dramático, apelativo e narra Roberto Carlos como um ser magnífico que quando erra, não tem culpa.

Um dos problemas ao escrever uma biografia contemporânea ao biografado é que se ele não autorizá-la, poderá, após publicação, lutar na justiça pelo recolhimento da obra. Este problema Paulo Cesar de Araújo enfrentou e enfrenta até os dias atuais. Ao declarar



invasão de privacidade e apoiando-se no artigo 5º da Constituição Federal, inciso X, que diz: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente da sua violação”, 40ª edição, página 6, Roberto Carlos deu início a um conflito entre leis, pois, Paulo Cesar de Araújo, apoiou-se no inciso IX, “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença;”. Ambos incisos possuíam chances de ganhar a batalha judicial. Paulo Cesar e a editora Planeta do Brasil, porém, aceitaram fazer um acordo com o cantor e a venda dos livros foi proibida.

Em suma, para conhecer a história da música nacional, narrada a partir da vida de um ícone, esta obra é interessante. Para entender o fazer biográfico objetivo e imparcial, nem tanto. Pelo fato de o autor adjetivar em excesso o biografado e exaltá-lo a todo o momento, a obra torna-se um misto de historiografia bem feita da música popular brasileira, e interpretação quanto as atitudes do personagem principal.

Conclusão

A partir de tal estudo é possível concluir que é preciso ir além das técnicas jornalísticas para narrar uma vida. Inúmeros elementos podem ajudar a tornar a história mais interessante, mais historiográfica e melhor escrita. Dominando tais técnicas, entretanto, é possível que o trabalho torne-se mais fácil.

Nelson Motta optou por narrar a história de Tim Maia a partir da ótica de um amigo próximo, atuando como um contador de casos, amparando-se em um texto leve e agradável. Sem mencionar muitos assuntos alheios à vida do biografado.

Já Carlos Marcelo, ao contrário de Nelson, pesquisou a fundo os acontecimentos que cercaram o crescimento de Renato Russo. Muitas páginas do livro foram dedicadas à história de Brasília, do Brasil e do mundo. E a partir desta atmosfera maior, mostrou um personagem fruto destes acontecimentos todos.

Enquanto Paulo Cesar de Araújo, diferentemente dos outros dois biógrafos, narrou a vida de Roberto Carlos sem linearidade. Dividiu a obra de acordo com pontos-chaves da vida do biografado, optou por fazer uma ampla pesquisa a respeito da música popular brasileira e a partir disto, revelou o personagem Roberto Carlos para o leitor.

Cada um destes autores narrou uma vida utilizando pontos peculiares, porém o objetivo é único: contar uma boa história. Os biógrafos no Brasil têm alcançado patamar de



sucesso agradando públicos diversos, e trazendo a tona grandes personagens que antes de serem heróis, ou anti-heróis, são seres humanos interessantes e intrigantes em sua essência.

Referências

- ARAÚJO, Paulo Cesar de, - **Roberto Carlos em detalhes** - São Paulo, Planeta do Brasil, 2006
- BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica”, In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes, *Usos & Abusos da história oral*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002
- PENA, Felipe, - **1000 perguntas. Jornalismo**, Rio de Janeiro: Rio, 2005.
- MARCELO, Carlos, - **Renato Russo: o filho da revolução** - Rio de Janeiro: Agir, 2009
- MOTTA, Nelson, - **O som e a fúria de Tim Maia** - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- VILAS BOAS, S. **Biografias & Biógrafos – Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.